



Recalcamento e filogênese: sobre a saga do Conde Drácula

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

Neste trabalho, o autor, baseado em várias hipóteses oriundas de Freud sobre o recalcamento, conjugando tais hipóteses a outras advindas de diversas ciências (antropologia, filosofia, mitologia), procura examinar um fragmento do recalcado oriundo da filogênese, onde se manifesta do seu ponto de vista, uma compulsão à repetição com prevalência da pulsão de morte. Relaciona, então, tais sugestões com a saga do Conde Drácula. Seria esta a rememoração do Pai Primordial e seu assassinato pela horda dos irmãos?

Descritores: recalcamento, recalcado, recalque, ontogenia, filogenia, pai primordial, horda dos irmãos, crime primordial, pulsão de morte, Drácula.

* Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



“Porém, em realidade, este desenvolvimento (do recalçamento) é de condicionamento orgânico, fixado hereditariamente e, dependendo do caso, pode produzir-se sem nenhuma ajuda da educação” (Freud, 1905, p. 161).

Introdução

O objetivo deste trabalho é abordar a questão do recalçamento não apenas como um fenômeno que se processa dentro do eu e se constitui num dos fundamentos do seu desenvolvimento, mas como um fenômeno intersubjetivo entre o eu e seu contexto no qual operam também influências vinculares e filogenéticas sem as quais o primeiro não se constitui. Levamos em conta a ponderação de Freud de que o recalçamento observado deste ponto de vista “se trata de algo passado, desaparecido, vencido na vida dos povos, que nós ousamos equiparar ao recalçado na vida anímica do indivíduo” (1939, p. 127). Para tanto é tentada uma aproximação de tais conceitos com a saga do Conde Drácula.

Se cultura é recalçamento (Freud, 1930), a expressão da dúvida indica a inclinação ao recalçamento tanto no indivíduo (Freud, 1909), quanto no grupo (Freud, 1912-3). Em ambos os cenários a dúvida é um indício marcante da ascensão do juízo de realidade sobre o juízo de atribuição próprio do animismo (Freud, 1925). Portanto “poderíamos atrever-nos a comparar os estádios do desenvolvimento da cosmovisão humana com as etapas do desenvolvimento libidinoso do indivíduo” (Freud, 1912-13, p. 93).

Algumas relações da psicanálise com outras disciplinas

Nesta busca de interpretação serão usados, na medida do possível, não apenas textos psicanalíticos, mas também de outras ciências humanas como a antropologia, filosofia e a mitologia, etc. Assim, por exemplo, a oposição dialética entre história e etnologia (Levi-Strauss, 1958) pode ser comparada com o *aqui e agora* do fenômeno transferencial da psicanálise e a reconstrução. Repare-se na semelhança do dito de Boas em relação aos povos primitivos: “Com respeito à história dos povos primitivos, tudo que os etnólogos elaboraram se reduz a reconstruções, e não poderia ser de outra maneira” (Levi-Strauss, 1958, p. 19).



Se, como afirma o autor referido, não se pode concluir que a recorrência de costumes ou instituições análogas não pode ser sustentada como prova de contato, pergunta-se qual é a origem de tal recorrência? E como tal contato se transmite através das gerações? A resposta de Levi-Strauss é que se deve à *estrutura*. Este é o sentido de reconciliar o sensível com o inteligível que reata os laços com as categorias filosóficas de Kant (Huisman, 1984, p. 597). Não seriam exatamente a estas mesmas conclusões que chegou Freud (1918, p. 108-9), quando nos remete aos esquemas congênitos que “como categorias filosóficas procuram organizar as impressões vitais”? E, neste sentido, o fenômeno da compulsão à repetição e, como um segmento deste, o fenômeno da transferência-contratransferência, não abrigaria também o recalcado filogenético?

Uma resposta a estas questões pode ser encontrada em Freud (1939), quando sintetiza: “Ademais, nossa situação é dificultada pela atitude presente da ciência biológica que não quer saber nada da herança nos descendentes de caracteres adquiridos. Nós, de nossa parte, confessamos que, entretanto, não podemos prescindir deste fator no desenvolvimento biológico” (p. 96). Eis, portanto, segundo Freud, a reconciliação do sensível com o inteligível através da estrutura, este instinto da espécie (*Instinkt*) em movimento distinto da categoria do tempo de nossa ontogenia. Tal estrutura, de acordo com o que supomos, é palco e sedimento de inúmeros recalcamientos que, se levados a um extremo, indicam uma orientação da espécie e, porque não, da vida.

Castoriades-Aulagnier propõe que a estrutura é uma potencialidade de formatação e que “seu primeiro resultado é que toda representação, indissociavelmente, é representação do objeto e representação da instância que o representa, e que toda representação na qual a instância se reconhece representa seu modo de perceber o objeto” (1975, p. 25). Acrescenta que tais representações estabelecem com a estrutura dos sistemas psíquicos uma relação unívoca de *pôr em forma*. Acrescentaríamos a este conceito que tais representações, em suas inúmeras complexidades, são regidas por esta teia de prefigurações herdadas por nosso sistema nervoso como propõe Freud (1950a, p. 342). Estabelece-se, portanto, através dos fenômenos vitais, em particular dos fenômenos psíquicos, este permanente contato do sensível com o inteligível através deste *devoir* que Heráclito propõe em sua filosofia (Bernhardt, 1972, p. 35-40).

Freud (1921) reafirma sua posição quanto ao herdado e à formação da família humana primordial:

Em 1912 recolhi de uma conjectura de Darwin, para quem a forma primordial da sociedade foi uma horda governada despoticamente por um macho forte.



Tentei demonstrar que os destinos desta horda deixaram registros indestrutíveis na linhagem dos seus herdeiros; em particular que o desenvolvimento do totemismo, que em si inclui os começos da religião, da eticidade e da estratificação social, relaciona-se com o violento assassinato do chefe e da transformação da horda paterna em uma comunidade de irmãos (p. 116).

Hoje sabemos que inclusive em todos os primatas, mesmo em nossos primos mais distantes como gorilas e chimpanzés, a organização é regida por um macho, ou um grupo de machos (Masset, 1986, p. 86-7) e que a migração de jovens machos ou jovens fêmeas ocorreu deste cedo na configuração da espécie com o fim de preservá-la, inclusive em monos e chimpanzés. Portanto, nos hominídeos primitivos “subsiste o fato maciço de intercâmbio de jovens adultos de um sexo ou outro ligado a essa proibição que existe em todas as sociedades humanas, a do incesto” (Masset, 1986, p. 87) o que está de acordo com Levi-Strauss (1986, p. 13).

O assassinato deste macho primitivo, o Pai primordial (*Urvater*), que não amava a ninguém, a não ser a si próprio e usava os demais como ajudantes ou objetos destituídos de desejo (Freud, 1921, p. 117), resultou que foi preservado, como uma formação de compromisso, na qualidade de Totem no imaginário individual e grupal. Tal compromisso deriva do sentimento de culpa que, para Freud (1930, p. 130), é “o problema mais importante do desenvolvimento cultural”, juntamente com o desamparo humano. O verdadeiro fator traumático que decretava a dissolução e o desamparo do grupo era a morte do Pai. Com a instituição do totemismo, preservava-se o desejo, a organização grupal da irmandade de vários machos, com a interdição do incesto. É neste sentido que a morte do Pai e sua preservação como Totem é fundante dos lugares psíquicos da família primordial.

No primeiro capítulo de *Totem e tabu* (1912-13), Freud discorre longamente sobre as razões da evitação do incesto. Certamente este assunto está relacionado com a instituição do recalçamento e podemos supor que a necessidade do mesmo revela-se nas inúmeras formas como os grupos familiares desenvolveram suas relações de parentesco. Assim a ausência de recalçamento seria testemunhada pela incapacidade de constituição do grupo familiar e social. Portanto, e esta é uma das propostas deste estudo, a estrutura é o testemunho do desenvolvimento filogenético que encontra forma no fenômeno humano. Assim, se nosso “id herdado abrigaria incontáveis existências-de-eu” (Freud, 1923, p. 48), quais os momentos do recalçamento que tornaram o fenômeno humano a manifestação permanente deste encontro vital? Penso ser impossível uma resposta definitiva a tal questão,



embora Freud tenha tentado a conjectura de que, pelo menos no que diz respeito ao assassinato do Pai, algo de fundante da ordem humana foi assim instituído.

Ademais, quando nos limitamos ao instante presente da vida de uma sociedade, somos, antes de tudo, vítimas de uma ilusão: pois tudo é história [...], e muito pouca história (já que tal é, infelizmente, o quinhão do etnólogo) vale mais do que nenhuma história (Levi-Strauss, 1958, p. 26).

Assim, este crime primordial, na medida em que é ajuizado como crime e recalcado, inaugura, do meu ponto de vista, a origem do tempo e espaço como o eu humano os concebe.

Algumas reflexões sobre a metapsicologia do recalçamento

Um breve esclarecimento se faz aqui necessário. Uso de preferência o termo recalçamento ao invés de recalque, pois considero o estado dinâmico de tal situação. Valho-me da ponderação de Luiz Alberto Hanns em nota ao eu e o id (1923, p. 74) onde afirma que Freud frequentemente refere-se ao recalque como um *estado de recalçamento*, isto é, algo dinâmico e provisório. Se levarmos em conta as advertências de Freud (1923, p. 31) de que o conflito na segunda tópica implica uma nova compreensão e que se expressa através da tensão entre “um eu coeso e um recalcado que dele se cindiu”, relacionado prevalentemente ao desenvolvimento ontogenético, e que, logo após, neste mesmo texto (p. 96), quando afirma que nosso id é um sedimento de incontáveis existências-de-eu, refere-se à filogênese, facilmente constatamos a grandiosidade do problema reservado a nossa reflexão. Assim a nova compreensão estrutural da mente (1923) desemboca necessariamente no constituído filogenético revelado pela ontogênese. Portanto, esta reflexão nos dirige à suposição sobre o fenômeno vital de que, de acordo com nossas inferências, revela o passado tingido com as cores do presente.

Tomemos o conceito de recalçamento como o fez Freud no início do seu trabalho psicanalítico demonstrando-o principalmente relacionado ao desenvolvimento ontogenético. Assim um trauma, usualmente sexual, impossível de ser processado num determinado momento, só viria a sê-lo num momento *a posteriori*. “A condição de defesa patológica (recalçamento) é, então, a natureza sexual do sucesso e sua ocorrência dentro de uma fase anterior” (Freud, 1950b, p. 277). Esta é a defesa diante do trauma. Note-se, e esta também é uma das proposições deste trabalho, que o conceito de recalçamento ultrapassa a condição



de defesa patológica e amplia-se, em direções diversas, ao desenvolvimento da espécie e, porque não, à origem da vida. Portanto, trauma e recalçamento nos indicam uma suspensão permanente e uma origem inescrutável.

Freud num dos seus primeiros escritos (1950a, p. 341) nos sugere que uma forma defensiva primordial é a fuga dos estímulos. Ponto crucial do desenvolvimento do eu (Freud, 1915a, p. 156), tal mecanismo primitivo constitui parte inerente de todas as grandes defesas mencionadas por Freud. Refiro-me aqui ao recalçamento (*Verdrängung*), à desmentida (*Verleugnung*) e à desestimação ou forclusão (*Verwerfung*). Em todas estas defesas notamos um movimento primeiro de desinvestimento do percebido, isto é, a retirada da atenção de determinadas representações, uma verdadeira fuga dos estímulos. O fator distintivo residiria no destino do desinvestido tanto no que diz respeito ao indivíduo como à espécie. Certamente, e isto é muito importante, notamos que tais defesas estão também em suspensão dialética, isto é, onde manifestamente aparece uma, a outra está em potencial.

Penso assim que o conceito não deve ser examinado apenas do ponto de vista horizontal como Freud propõe no Inconsciente em relação às esquizofrenias onde nos afirma que “devemos nos perguntar se o processo que denominamos de recalque ainda tem alguma coisa em comum com o recalque do qual falamos quando discorremos sobre as neuroses de transferência” (1915c, p. 50) e, sim também, do ponto de vista vertical, sugestão do mesmo Freud (1918). Discorrendo então sobre as *categorias herdadas*, verdadeiros *esquemas universais*, nos afirma que

[...] isso instintivo seria o núcleo do inconsciente. Uma atividade mental primitiva que logo a razão da humanidade, razão esta que é preciso adquirir, destrona, superpondo-se à mesma, porém com grande frequência, talvez em todas as pessoas, conserva força suficiente para atrair para si os processos psíquicos superiores. *O recalçamento seria o regresso a este estado instintivo*, e o ser humano pagaria então com sua capacidade para a neurose essa sua grande e nova aquisição, e com a possibilidade da neurose atestaria a existência daquele estágio prévio, regido pelo instinto [Grifos meus] (1918, p. 109).

Note-se nesta última assertiva de Freud a extensão adquirida pelo conceito de recalçamento.

Devemos, portanto, ao lermos o termo *Urverdrängung*, recalçamento primordial, levar em conta as ponderações de Luiz Alberto Hanns (Freud, 1915b,





p. 188) de que o prefixo *Ur* não remete apenas ao original no sentido ontogenético e sim, também, ao originário filogenético. Esta ideia já aparece bem configurada quando Freud, no *Homem dos ratos* (1909, p. 162), refere que o trabalho de elaboração e refundição das cenas sexuais infantis é semelhante à formação das sagas de um povo sobre sua história primordial. Toma então emprestada a expressão de Jung *sensibilidade do complexo* para descrever a atração que certas situações sofrem pelos complexos universais. Também é desta maneira que compreendemos as sugestões de Freud (1912-13, p. 39), onde nos afirma que os tabus, “proibições antiqüíssimas impostas em seu tempo”, decantam-se como ideias inatas fazendo parte do patrimônio psíquico herdado transmitido ao longo do desenvolvimento filogenético da espécie.

Tomemos mais algumas reflexões de Freud contidas em alguns escritos posteriores. No *Recalque* (1915b, p. 178-9) nos sugere um recalque original que interdita a admissão ao consciente do representante psíquico da pulsão. O mesmo sofre fixação e permanece inalterado como patrimônio do Inconsciente. No Inconsciente (1915c, p. 32) Freud acrescenta que o recalcado original apenas se faz presente como um contrainvestimento de carga, pois ainda o pré-consciente não oferece representações a serem retiradas pelo processo do recalcamento secundário. Podemos inferir de tais sugestões que as mesmas nos remetem às origens, a um momento onde a linguagem verbal era praticamente inexistente ou muito rudimentar, pois a cultura (pré-consciente) não oferece representações verbais para a pulsão. É inevitável a reflexão de que, nestes momentos primordiais, não se situa apenas a origem do homem como indivíduo e sim também como espécie. Sobre a fixação, mecanismo universal proposto por Freud que resulta no recalcamento, recai a configuração da memória do indivíduo, bem como deste saber originário do desenvolvimento filogenético da espécie, o adquirido e transmitido hereditariamente.

Muito importante em relação ao recalcamento originário e sua constituição na ausência da linguagem verbal é o proposto por Freud (1930, p. 97-8) como recalque orgânico. A sugestão de Freud gira em torno da hipótese de que o homem, mesmo na sua pré-história antropóide, adquiriu o hábito de formar famílias como formas constituintes da horda primitiva de irmãos. Sob a égide de um macho forte os espaços psíquicos eram rudimentares e a psicologia individual nascia em conjunto com a psicologia das massas (Freud, 1921, p. 117). A posição de sujeito do desejo cabia exclusivamente a este macho despótico, dono exclusivo do desejo de reter a fêmea como objeto sexual permanente, já que “a necessidade de satisfação sexual deixou de emergir como um hóspede que após a despedida não dava mais notícias de si, antes bem, instalou-se no indivíduo como pensionista”



(Freud, 1930, p. 97). A fêmea de nossa espécie é a única de todos os primatas que não entra em cio no momento da ovulação (Masset, 1986, p. 94), pois o cio é um fenômeno essencialmente olfatório. Tais fatos, segundo a sugestão de Freud, ocorreram paralelamente à migração das árvores e principalmente ao estabelecimento da posição ereta deste bípede emergente. Como consequência deste fato biológico estabeleceu-se a primazia da organização do espaço apreendido pelos sentidos distais, como a audição e, em especial, a visão. Os sentidos proximais, até então fundamentais na organização espacial, em particular o olfato, sucumbiram em boa parte ao que Freud denomina recalçamento orgânico, transmitido para a descendência como um patrimônio filogenético. Assim o rinocéfalo da espécie humana sofre uma involução em relação a outras espécies animais: “Então o erotismo anal foi o primeiro a sucumbir ao recalçamento orgânico, o que favoreceu e abriu o desenvolvimento da cultura” (Freud, 1930, p. 98).

Testemunhos contemporâneos das consequências deste recalçamento, além do já citado sobre o cio ausente nas fêmeas humanas, seriam, segundo Freud, os tabus em torno da menstruação, o surgimento dos sentimentos de limpeza e organização do espaço e o estranhamento aos dejetos alheios associados aos sentimentos de vergonha e asco dos genitais, já que agora é a posição ereta e bípede que se impõe à descendência dos antropóides. Podemos perfeitamente nos perguntar se seriam estas as razões pelas quais os cheiros em geral não encontram na cultura nomes diretos surgidos da organização anal e sim são expressos por contrainvestimentos, como diria Freud, de outras organizações que não sofreram tal recalçamento (cheiro doce, amargo, de café, cheiro de urina, de fezes, dos genitais, etc.). De qualquer forma temos uma visão abrangente da extensão que o conceito de recalçamento atinge no pensamento de Freud, não apenas como defesa e sim como condição *sine qua non* do desenvolvimento da espécie como o descrito acima: “Assim obteríamos, como a raiz mais profunda do recalçamento sexual que progride junto à cultura, a defesa orgânica da nova forma de vida adquirida com a marcha ereta contra a existência animal anterior” (1930, p. 104).

Mais algumas reflexões teóricas

De alguns textos da antropologia retiramos ainda interessantes reflexões que colaboram direta ou indiretamente com o que estamos propondo sobre o recalçamento, complexização da família e interdição do incesto. Supomos que os eventos descritos como os ocorridos quando do recalçamento orgânico estariam



superpostos de alguma forma com a nomeada interdição, assassinato do Pai Primordial, totemismo e exogamia. Zonabend (1986, p. 43), por exemplo, concorda com Freud de que, nas sociedades arcaicas, a ruptura da proibição do incesto “provoca gravíssimas conseqüências tanto para os que cometem o incesto como para a comunidade”. A relação avuncular, descrita por Levi-Strauss, isto é, o direito do tio, irmão da mãe, sobre os filhos desta última com um homem oriundo de um grupo diverso, mantendo os direitos matrilineares em detrimento dos patrilineares, “está inscrita no fundamento mesmo da estrutura em virtude da proibição do incesto” (Zonabend, 1986, p. 36). Estaríamos, portanto, diante dos primeiros degraus da complexização familiar na qual o lugar paterno se faz representar por um “delegado” matriarcal, pois o filho com a irmã sofre a interdição provavelmente totêmica.

Em outras palavras, se sua universalidade (proibição do incesto) a converte em um traço próprio da natureza, a multiplicidade de suas formas a transforma precisamente em um fenômeno cultural [...] [portanto] a proibição do incesto efetua, pois, a transição entre o estado da natureza e o estado da cultura (Zonabend, 1986, p. 36).

O exposto por Françoise Zonabend (1986, p. 36-7) sobre o negativo da proibição do incesto e o positivo da instituição da exogamia está plenamente de acordo com o proposto por Freud em *Totem e tabu* (1912-13), apenas com o acréscimo que, para Freud, é o Totem o guardião da interdição, fundamento do ideal do eu e do super-eu (1923, p. 40-8). Se levarmos em conta que a exogamia “exige ou recomenda o matrimônio em grupos ou espaços prescritos” (Zonabend, 1986, p. 36), encontraremos nas inúmeras sociedades e organizações grupais uma suspensão dialética (*Aufhebung*), para usarmos a expressão de Freud (1925, p.148), entre os dois termos, endogamia e exogamia. Segundo estes autores citados, Zonabend e Levi-Strauss, o avunculato é ao mesmo tempo o primeiro testemunho da interdição e a primeira suspensão entre os termos citados. Levi-Strauss, na sua introdução à *História da família* (1986, p. 12-3), advogando a natureza dual da família (vertical e horizontal) afirma que sendo a mesma formada por necessidades biológicas, “se cada família formasse um grupo encerrado em si próprio e se reproduzisse a si mesma, a sociedade não poderia existir”. Portanto, “entre a natureza e a cultura, a família, tal como se observa no mundo, efetua uma transição” (p. 12). A dialética constitutiva da família é resumida pelo autor citado da seguinte forma: “Sem famílias não existiria sociedade, porém tampouco haveria famílias se não existisse já uma sociedade” (p. 13), tese já levantada por Freud quando nos



remete à horda primeva sugerida por Darwin (1921, p. 67-8). Sublinha Levi-Strauss a necessidade de interdições sociais de vários níveis cujo objetivo maior é a sustentação dos vínculos criados pela família. A proibição do incesto interditaria a consanguinidade e criaria uma *armadura* sem a qual as redes sociais e familiares não poderiam existir.

Se transportarmos estas observações à tese freudiana sustentada em *Totem e tabu* sobre o horror ao incesto e à exogamia e ao capítulo VI de *Além do princípio do prazer* (1920), verificamos surpresos que também os *infusórios* ali citados não sobrevivem na *consanguinidade*. Necessitam a alteridade de trocas com seu meio ou com infusórios semelhantes. É neste sentido que as células germinais estão plenas de libido narcisista. Os gametas masculinos necessitam dos femininos para configurar uma nova síntese criativa. Quando Freud expressa que as células tumorais também estão plenas de libido narcisista, devemos acrescentar uma pequena e grande diferença. Estas últimas reproduzem-se sobre si mesmas, são *endogâmicas*, enquanto as primeiras reproduzem-se com as semelhantes, são potencialmente *exogâmicas*. Se este é o cenário biológico, o outro é o cenário familiar da cultura. Em ambos encontramos Eros e Thánatos. A prevalência tanática se demonstra através da incapacidade de processar adequadamente a libido tóxica incestuosa e consanguínea.

A inter-relação funda, portanto, estes inúmeros lugares psíquicos. Os encontrados nos grupos familiares são suas expressões iniciais. Se tais lugares psíquicos, modelo, objeto, auxiliar e inimigo (Freud, 1921, p. 67) decorrem da constituição da família, sendo esta o embrião social, social este que sustenta a própria família, é indiscutível que a exogamia e a interdição do incesto são operações de Eros em direção à complexidade crescente da distribuição da energia libidinal narcisista em organizações sociais progressivamente complexas. Trata-se da *alma coletiva*, nome cunhado e descrito por Le Bom (Freud, 1921):

[...] a massa psicológica é um ente provisório constituído por elementos heterogêneos; estes se uniram entre si durante certo tempo, tal quais as células do organismo formam, mediante sua união, um novo ser que mostra propriedades muito diferentes que suas células isoladas (p. 70).

O que se segue é uma tentativa de demonstração que este Pai Primordial (*Urvater*), no presente contexto, o Conde Drácula, exatamente pela prática irrestrita do incesto, está bem mais próximo das células tumorais malignas e da pulsão de morte do que do narcisismo de vida (Chiozza, 1975, p. 413-448).



O Drácula de Bram Stoker

“[...] visto achar-me no limiar de uma jornada que me conduziria para um lugar desconhecido, onde um personagem também desconhecido me aguardava em circunstâncias das mais singulares” Jonathan Harker (Stoker, 1985, p. 13).

Nesta secção pretendo abordar e correlacionar algumas hipóteses de Freud sobre o recalçamento e outras contidas especialmente no quarto ensaio de *Totem e tabu* com a saga do Conde Drácula. Trata-se, do meu ponto de vista, do retorno de uma fixação filogenética através de uma compulsão à repetição, na tentativa de elaboração de um fragmento da atuação da pulsão de morte que sofreu o processo do recalçamento e constituiu-se parte do patrimônio herdado. Este é o lugar desconhecido que transcende ao eu ontogenético e que se mistura à filogênese para o encontro com o Pai Primordial (*Urvater*), o vampiro oriundo do fundo dos tempos primordiais.

Relatar as primeiras impressões de Jonathan Harker ao adentrar no castelo do Conde Drácula talvez nos traga indícios do que pretendo descrever como o encontro com o *Urvater*. O ano é 1897 (coincidentemente com o despertar da psicanálise). O ambiente é sinistro. Seus companheiros de viagem estão apavorados e, por todos os lados, cães e lobos ladram e uivam. O Conde os domina com um balançar de mão, mas, para o estranhamento do jovem, sua imagem não aparece refletida nos espelhos e de sua boca exala um hálito de morte. Nas infundáveis conversas entre os dois interlocutores, interrompidas pelo alvorecer, o Pai Primordial se faz notícia através de relatos do tipo: “Átila, cujo sangue flui nas minhas veias” ou “e quem é aquele que, batido no entrechoque dos combates, voltou e tornou a voltar só, ao campo de batalha ensangüentado onde suas tropas tombaram para sempre, pois sabia que somente ele podia conquistar o triunfo definitivo?” (Stoker, 1985, p. 48-9). É assim que o jovem Jonathan começa a reconhecer o porquê da ausência da imagem refletida no espelho e o espectro sinistro de sua prisão se torna ameaçador. Encontramo-nos diante da compulsão à repetição magnificamente descrita por Freud no capítulo III de *Além do princípio do prazer* (1920) como *uma compulsão do destino*, como o *eterno retorno ao mesmo*, uma *fatalidade*. Revela então esta coação de repetir o recalçado, a recordá-lo como uma forma de passado no presente. Mas qual passado? Certamente ao passado comum tanto ao Conde como ao jovem Jonathan e, por que não, a todos



nós. Qual o trauma a ser ligado (Freud, 1920) como os descritos nas neuroses traumáticas? Qual a razão da fascinação hipnótica praticamente irresistível do jovem pelo Conde e vice-versa proveniente da filogênese da libido humana (Freud, 1921, p. 135)? Encontramos algumas sugestões sobre este último aspecto em Freud (1921, p. 107) quando formula a hipótese de que o objeto foi posto no lugar do ideal do eu. Certamente este ideal não é apenas o pai da ontogênese e sim, também, o *Urvater* da horda primitiva que os filhos invejavam e desejavam devorá-lo para possuí-lo e identificarem-se completamente com o mesmo nos inícios da constituição da família humana.

Tais fatos repousam, seguindo sugestões de Freud, na sugestionabilidade que, como fenômeno primordial “não suscetível de redução é fato básico na vida anímica dos seres humanos” (1921, p. 85). Não somente nos seres humanos, pois Freud acrescenta que “a mesma (fascinação) [...] contém um suplemento de paralisia que provém da relação de uma pessoa de maior poder e uma impotente, desamparada, situação esta que nos remete ao terror dos animais”. Trata-se da fascinação que o impotente Schreber sentia diante do Dr. Flechsig que vai se transformando em Deus (Freud, 1911) e que, diante do fenômeno da paralisia, os coloca a mercê da pulsão de morte.

A rebelião de Jonathan ao seu próprio fascínio era uma demonstração de Eros, embora, em vínculos primordiais, tal fascínio também expressa a ação de Eros. Portanto, se a essência do vínculo das massas passa por Eros, contém na sua sombra Thánatos. Eis a dialética permanente da vida e Jonathan, caso se resignasse à fascinação cairia no anonimato dos cães, lobos, morcegos, lobisomens e vampiros. Assim, seguindo as sugestões de Freud (1912-13, 1921), a tensão constante entre o anonimato e o ideal do eu – eu ideal, resulta numa nova síntese que, após o assassinato do *Urvater*, resulta no *Nome do Pai*. Inaugura-se desta forma o tempo-espaço tipicamente humanos, tal como Kant nos propõe com suas *categorias*.

Quando, num momento seguinte, Jonathan, descuidando-se da ordem do Conde e sentindo a irresistível atração de dormir fora do seu quarto, deixando o crucifixo (Lei) pendurado na borda da sua cama, encontra as três mulheres vampiros e com elas se entrega à volúpia do incesto, revela-nos todo o seu fascínio pelo proibido e interditado. Ironicamente é o próprio Conde Drácula que o liberta: “Como ousam vocês, qualquer uma de vocês tocá-lo? Como é que vocês se arriscam simplesmente a vê-lo, se eu o proibi? Para trás, eu lhes ordeno! Este homem me pertence! Livrem-se de se misturarem com ele, do contrário terão que se haver comigo” (Stoker, 1985, p. 63-4). A seguir é oferecido, como consolo às três sedentas de sangue, para o horror do nosso fascinado herói Jonathan, um



recém-nascido que é devorado. Desconstitui-se, portanto, o tenuemente constituído: o espaço e o tempo, restabelecendo-se a inércia dialética do incesto e do canibalismo (Lacan, 1955-56, p.32).

Qual a função do diário de Jonathan e dos outros participantes no relato de Bram Stoker? Seria a mesma que o de Daniel Paul Schreber? As memórias possuem uma aptidão muito particular de conservação do espaço e do tempo, aspecto muito característico das construções em psicanálise (Freud, 1937). Interessante é a observação de Eliade de que se observa em inúmeras sociedades primitivas uma verdadeira rejeição do tempo concreto, “uma hostilidade em relação a qualquer tentativa de montagem ‘histórica’ autônoma” (Eliade, 1954, p. 7). Como deixa claro Freud (1921), a transmissão do tempo através da *alma das massas* não obedece à lógica individual pré-consciente, já que as ligações libidinais que caracterizam as massas estão mais próximas do sistema primário (1921, p. 96). O diário tem, portanto, esta função: não permitir que o eu perca-se no incomensurável da história e da inconsciência. “Fui novamente lá embaixo, naquela sala. Agora o fiz à luz do dia, pois preciso conhecer a verdade”, escreve o jovem Jonathan, ao comparecer no quarto das três mulheres vampiros. Eis a função da psicanálise, revelar o inconsciente à luz do dia.

Como também compreender o desejo do Conde Drácula de sugar o sangue de suas vítimas? Além do aspecto evidente por si mesmo, pois se trata de um morto exangue, invejoso da vida e sedento de sangue, não podemos esquecer as ponderações de Freud:

[...] a identificação, desde os começos, é ambivalente [...], comporta-se como um testemunho da fase oral primitiva [...], o objeto desejado e ansiado incorpora-se por devoração e é aniquilado como tal. O canibal, como é sabido, permanece nesta posição; gosta de devorar (amar) seus inimigos e não devora aqueles que não ama de maneira alguma (1921, p. 99).

A consequência inevitável deste amor primitivo é a estagnação do tempo através da desconstituição da objetividade-subjetividade (Freud 1925), da duplicação do eu, instituindo-se “uma enérgica desmentida da morte” (Freud, 1919, p. 235). O mais surpreendente representante deste canibalismo aparece no paranóico Renfield, paciente do Dr. Seward, um dos pretendentes de Lucy, sonâmbula e confidente de Mina, a noiva de Jonathan que ficara em Londres. Além de devorar moscas, oferece-as às aranhas, coleciona pardais para oferecê-los a um gato. Dado que o Dr. Seward recusou presentear-lo com um gato, devorou-



os durante a noite. Foi, portanto, diagnosticado como um *zoófago-maníaco* e canibal (Stoker, 1985, p. 106-11).

O desejo contagiante, incestuoso e canibal, no caso ser devorada como antecipação de devorar, aparece primeiramente em Lucy, a insone sonâmbula, inclinada a excursões noturnas. Este é o *prelúdio da grande tempestade* que se avizinha da Inglaterra, centro da civilização ocidental. Através de uma escuna abandonada governada por um capitão-marujo morto agarrado ao leme, durante uma terrível tempestade, os inúmeros caixões com terra *contaminada* e demoniacamente sagrada aportam em Londres, pois o Conde só pode repousar na mesma. Um único passageiro, um cão, aliás, uma das formas animais do Conde Drácula, rapidamente esvaiu-se em direção a um cemitério próximo (Stoker, 1985, p. 116-24).

O testemunho atormentado da jovem Mina da *cena primária* ocorrerá numa noite enluarada no cemitério das redondezas. No seu banco favorito, a bela, inquieta e sonâmbula Lucy estava agachada e era penetrada por um vulto que “tanto poderia ser um homem ou animal”. Tratava-se de *coitus a tergo, more ferarum* (Freud, 1918, p. 55). Ao contemplar tal cena, escreve Mina, no seu diário, sobre o rosto deste vulto do qual emergiam “dois olhos terríveis que expeliam um fulgor rubro e selvagem [...], e o tempo e a distância me pareciam agora mais do que nunca estarem se confundindo com a eternidade e o infinito” (Stoker, 1985, p. 140-1). Relativize-se tal cena com a descrita por Freud no *Homem dos lobos*, onde a figura do pai é confundida com um lobo, não esquecendo que Freud considera o complexo de Édipo e as fantasias primordiais como uma das *categorias* filosóficas herdadas como precipitados da história cultural humana através de esquemas filogenéticos (Freud, 1918, p. 108).

A progressiva doença anêmica da jovem Lucy fez com que o Dr. Seward, seu médico particular, buscasse o amparo de Van Helsing, seu antigo mestre, médico e metafísico, conhecedor profundo de doenças desconhecidas. Uma das primeiras sentenças deste para o primeiro foi: “Todos nós temos dentro de nós mesmos, de uma forma ou outra, algo de louco em potencial” (Stoker, 1985, p. 184). Independentemente de todos os esforços do mestre, o “sono aterrorizador” persegue a jovem Lucy através de asas de morcego batendo constantemente na janela do seu quarto de dormir e do lobo, que, tendo fugido do zoológico, aterrorizava Londres. De fato, é o animal-vampiro invadindo o cenário da cultura com os invejosos intuitos de desconstituí-la. Através do estilhaçamento dos vidros do quarto de Lucy, o animal-homem que cativa Lucy com um cantar mavioso atrás da sinistra macega que encobria o lúgubre uivo do lobo, ocasiona a morte de sua própria mãe (Stoker, 1985, p. 223-4). Em seu leito, ternamente cuidada por



seus quatro admiradores, a transformação se opera na jovem Lucy. O Dr. Seward repara que seus belos dentes tornam-se progressivamente longos e cortantes “e seus caninos atraíram mais minha atenção, dado o seu tamanho algo desproporcional em relação aos outros dentes” (Stoker, 1985, p. 249). Nos estertores da morte, a transformação da jovem e bela Lucy numa sinistra mortoviva, uma mulher vampiro, irmã consanguínea das outras três mulheres vampiros. Diante da consternação do Dr. Seward com a morte de Lucy, Van Helsing apenas lhe responde: “Puro engano, meu caro! Não é bem assim, Isto é apenas o princípio!” (Stoker, 1985, p. 254).

Qual o sentido do crucifixo colocado sobre a boca do cadáver de Lucy no seu esquife? Crucifixo semelhante ao que Jonathan retirou do seu pescoço quando migrou para o quarto das três mulheres vampiros. Não esqueçamos que, de acordo com Freud, a origem das religiões tem seu ponto de partida com a instituição do totemismo e o conseqüente instituição da exogamia e a interdição do incesto. Portanto este amuleto significava a presença da Lei. Não podia receber o Conde, nem tornar-se sua esposa-irmã e, muito menos, devorar seus próprios filhos.

O reaparecimento do *Urvater* ocorre novamente em plena Londres, onde Jonathan, passeando com sua então esposa Mina, restabelecido da terrível doença que sobre ele se abatera após a fuga do Castelo do Conde, divisa uma encantadora menina loira a brincar. Observa então, surpreso e aterrorizado, adivinhando o Conde, um homem alto e esguio, nariz adunco, bigode negro a observar sofregamente a linda menina: “Seus traços fisionômicos eram duros, cruéis e sensuais; e seus enormes e alvíssimos dentes, ainda mais brancos diante do forte contraste dos seus lábios, de um vermelho escarlata, eram aguçados como de um animal feroz” (Stoker, 1985, p. 270). A descrição de imediato remete-nos a um abusador, a um *serial killer*. Da mesma forma que descrevemos o terror de Jonathan, no parque de Hampstead, próximo ao cemitério onde Lucy fora sepultada, inúmeras crianças desapareciam ao anoitecer para serem encontradas na manhã seguinte, enfraquecidas e anêmicas, com duas pequenas lesões no pescoço. Invariavelmente a resposta das mesmas era que tinham sido seduzidas pela *Dama dos Ardis* (Stoker, 1985).

“O terrível Conde deve ter vindo para Londres”, escreve Mina em seu diário (Stoker, 1985, p. 282). Agora, porém, acompanhado da *Dama dos Ardis*, sua nova aquisição, a bela Lucy:

Sua ternura se transmudara numa crueldade empedernida e sem entranhas e a jovialidade de sua pureza nada mais era que a mais grosseira e voluptuosa



devassidão [...] num displicente gesto de maligna indiferença, como se fosse uma favorita do próprio Satanás, ela atirou ao chão a criança que até então apertara contra os próprios seios grunhindo sobre seu rostinho, como uma cadela ao carregar um osso... e sua boca ainda manchada de sangue escancarava-se num esgar medonho [...] (Stoker, 1985, p. 335-7).

“Sangue é vida” (Stoker, 1985, p. 371), este é o axioma do demoníaco Conde e seus discípulos. Para estes personagens o axioma perdeu a metáfora.

O ritual prescrito por Van Helsing para matar a demoníaca *Dama dos Ardis*, um chuço penetrando seu coração, a decapitação e as flores de alho em sua boca, possui o poder de decretar sua mortalidade, já que

[...] quando alguém se transforma num morto-vivo junto com a metamorfose contrai a maldição da imortalidade. Não mais podendo morrer, fica condenado a se arrastar através dos tempos, dos séculos e das eras, causando sempre e incansavelmente novas vítimas e destarte multiplicando os males deste mundo (Stoker, 1985, p. 340-1).

Como veremos um pouco mais adiante, em inúmeras sociedades primitivas, rituais semelhantes indicam o triunfo da criação sobre o caos. Restabelece-se, portanto, a humanidade, espacialidade e temporalidade.

A próxima vítima é Mina, a bela esposa de Jonathan, que dormia sobre os aposentos do lunático Renfield a convite do Dr. Seward para sua proteção. Van Helsing descobre então que ela viera a ter contato com o Conde exatamente nos aposentos do lunático. “Ele estivera sugando a vida de suas veias” (Stoker, 1985, p. 441-2). A maldição fora lançada sobre Mina, enquanto ela também sugava o sangue do peito do Conde: “E você, a querida deles, pertence agora a mim, carne de minha carne, sangue do meu sangue, estirpe de minha estirpe [...] Quando eu disser mentalmente ‘Venha’, você atravessará terras e mares para satisfazer o meu comando” (Stoker, 1985, p. 452-3). Eis o fascínio do incesto *sagrado* demoníaco.

A ascensão do Conde e o domínio do mundo ocorreriam “se não nos interpuséssemos e ele viria, ou virá se acaso falharmos, a ser o pai ou o predecessor de uma nova ordem de seres cujos caminhos são traçados nos domínios da Morte e não da Vida”, são as palavras de Van Helsing (Stoker, 1985, p. 473). Assim como Schreber que, em conjunção com Deus, Deus este que “não compreende nada do homem vivo e só sabe tratar com cadáveres” (Freud, 1911, p. 49), constrói um delírio que, como mulher de Deus e fecundada pelos raios divinos, possa vir



a criar uma geração de homens novos (schreberianos) (Freud, 1911, p. 45), também Mina, filha e sangue do sangue do Conde, agora sua esposa, geraria uma ordem de seres superiores dominados pela Morte.

É necessário a rebelião da *horda dos irmãos* e o assassinato do *Urvater*. Eis como o Conde responde diante do conhecimento de seus intentos: “Vocês pensam que me enganaram? [...] as moças que vocês amam já são minhas. E através delas vocês serão meus [...] criações minhas, fiéis e obedientes, serão meus chacais com os quais irei contar para alimentar-me” (Stoker, 1985, p. 479-80). Sobre a testa de Mina, o estigma da morte, uma cicatriz que revela o “batismo de sangue do Vampiro” (Stoker, 1985, p. 504).

Se atentarmos para a sugestão de Freud de que a duplicação, isto é, que as pessoas se tornam idênticas a outras, poderemos compreender “o que chamamos de telepatia, uma situação na qual uma é possuidora do saber, sentir e vivenciar da outra” (1919, p. 234). Mina e o Conde comunicam-se desta maneira, pois: “Assim como pôde (Mina), através de um transe hipnótico, dizer-nos o que o Conde via e ouvia, não será menos verdadeiro que ele, depois de hipnotizá-la, sorveu seu sangue e fê-la sorver o seu, condicione sua mente a revelar-lhe também tudo aquilo que ela souber” (Stoker, 1985, p. 505). Esta é uma comunicação, se a quisermos definir desta maneira, alguém ou além das zonas erógenas.

É desta maneira que os incansáveis perseguidores do Conde, a *horda de irmãos* conseguem localizá-lo no seu próprio castelo sagrado (Stoker, 1985). Note-se que “em sua condição de axis mundi, considera-se a cidade ou templo sagrado como o ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno” (Eliade, 1954, p. 23). Em inúmeras tradições religiosas o castelo, no ápice da montanha, atingido após caminho difícil e íngreme, cheio de perigos, tem também este significado sinistro e sagrado, ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno. O *caminho difícil* é a passagem, em muitos ritos e mitos, do profano ao sagrado (Eliade, 1954, p. 27). Portanto a decapitação somente encontra sentido pleno se realizada na casa do Pai Primordial e, por que não, no *tempo* sagrado e primevo. “Todos os traços do que lá acontecera já se haviam apagado. Somente o castelo ainda estava lá, hostil e solitário, como testemunha muda da desolação” (Stoker, 1985, p. 587).

Assim também a decapitação é equivalente ao ato de criação em inúmeros rituais primitivos. Num dos exemplos citado por Eliade, o ritual hindu da decapitação da serpente Vrtra, que tinha confiscado as águas só para si própria, mantendo *todo mundo louco por causa da seca*, tem o sentido de permitir que a Criação se institua sobre o Caos. Na Índia, antes que qualquer pedra seja colocada numa construção, uma estaca de um galho da árvore Khadira é cravada num lugar particular, exatamente sobre a cabeça da serpente, com toda a segurança, pois, se



a cabeça sacudir, todo o mundo se sacudirá com violência. “Na verdade, em certas cosmogonias arcaicas, o mundo recebeu existência por meio do sacrifício de um monstro primordial, simbolizando o caos (Tiamat), ou através do sacrifício de um gigante cósmico (Ymir, Pan-Ku, Purusa)” (Eliade, 1954, p. 27-8). Diante da decapitação deste monstro primordial, institui-se o Totem novamente, a exogamia assentou-se sobre a endogamia, os lugares psíquicos da família humana foram reconquistados recalcando para o inconsciente o trauma trágico do filicídio, parricídio e incesto, preservando-se a sexualidade humana em dois tempos. Estabelece-se, portanto, a cultura humana, pois esta nos distancia da cultura dos nossos antepassados animais e serve para dois fins: “a proteção do ser humano frente à natureza e a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens” (Freud, 1930, p. 88).

O Drácula de Francis Ford Coppola

A obra do Coppola (1993) merece ser citada em separado graças, do meu ponto de vista, a ser talvez uma das melhores representações cinematográficas já apresentadas sobre o tema. O ano é 1462, Constantinopla caíra diante dos turcos. Toda a cristandade estava ameaçada. Da Transilvânia surgia um cavaleiro romeno da Sagrada Ordem dos Dragões, conhecida como Draculea, que jurara defender Cristo contra seus inimigos. Partindo para a batalha da qual sairia vitorioso, despede-se de sua amada Elisabeta. Esta, recebendo uma notícia falsa da morte do seu amado, suicida-se. A Lei de Deus impede que a mesma seja sepultada em terra sagrada. Sua alma estava condenada e amaldiçoada. O cavaleiro renuncia a Deus e cobra a vingança da amada. *Sangue é vida e ele será todo meu* exclama o cavaleiro tornado-se um permanente inimigo de Deus. A cena reproduz a *Queda* de Semaél, grande príncipe entre os anjos, dono de doze pares de asas. Rebelar-se contra Deus, pois este ordenara que as hostes celestiais se prostrassem diante do homem, porque este sabia nominar as coisas e era sua criação. A nomeação das coisas é implícita à ocupação da coisa no espaço e no tempo. Iniciava-se, assim, o combate do demônio contra qualquer criação divina (Mann, 1933, p. 42). Na segunda internação em Sonnenstein (1895), Schreber é visto em constante querela com o sol. Faz caretas constantemente ao mesmo. Endereça então carta em italiano ao deus superior Ormuzd assinada por Paul Höllenfürst (Paul, o príncipe dos infernos). Trata-se da reprodução desta eterna luta entre Semaél, o anjo com doze pares de asas, e Deus, no tempo sagrado da Queda. Em novembro de 1985, no mesmo tempo sagrado, muda sua hostilidade a Deus em amor e com ele, já como



sua sagrada mulher, dará a luz a uma nova humanidade de homens perfeitos, os schreberianos (Carone, 1995).

O retorno do recalcado aparece quatro séculos depois, em 1897, em Londres. Jonathan é o corretor escolhido para vender terrenos ao Conde após a tentativa de Renfield, o lunático canibal, discípulo do Conde que enlouquecera. O *caminho difícil* através de precipícios e uivos de lobos para atingir o castelo no ápice do penhasco, encontro do céu, terra e inferno, revela a passagem do profano ao sagrado como acima afirma Eliade. Diz o Conde: “Entre de livre vontade e deixe aqui um pouco de sua felicidade”. O convite é evidentemente ambíguo e, como afirma Coppola em suas entrevistas anexas, Jonathan entra no castelo porque quer, assim como se entra na Máfia, não por convite, entra-se de livre vontade. Refere-se Coppola à trilogia por ele filmada do Chefão de Mario Puzo.

Mina é a reencarnação da amada Elisabeta e esta é a compulsão do destino, o eterno retorno. O reencontro com o Conde, agora na figura do Príncipe Vlad, o Empalador, personagem outrora real na Transilvânia, ocorre no centro da civilizada Londres. É o cinematógrafo a grande conquista da civilização. Os filmes pornográficos são expostos e a civilização fica diante de sua decadência. “De fato, a civilização e a ‘sifilização’ avançaram juntas”, sentencia Van Helsing. Tal como o *Senhor das feras* (Eliade, 1976, p. 31), Vlad controla o lobo fugitivo do zoológico para a surpresa e o deleite da excitada Mina. Estarrecida, diz: “Meu Deus, eu o conheço”, Vlad responde: “Atravessei oceanos de tempo para encontrar você”.

Paralelamente ocorre o progressivo adoecimento de Lucy e sua transformação na Dama dos Ardis, sugadora do sangue de crianças. Stoker já nos descreveu o fim da infeliz Lucy com todo o ritual necessário.

A morte e a decapitação do Conde ocorrem após o percurso, pela horda dos irmãos, do *caminho difícil*, o retorno do profano ao sagrado, ponto de encontro entre o Céu, Terra e Inferno. É Mina que leva a tarefa ao seu devido fim. É ela que, perfurando o coração e decapitando seu amado príncipe, sepulta o incesto na terra sagrada do Inconsciente.

Sobre dragões e serpentes

Segundo Eliade, “o homem das culturas arcaicas tolera a ‘história’ com dificuldades, tentando periodicamente aboli-la” (1954, p. 38-43). Estes aspectos pertencem também ao homem contemporâneo. Estas situações se reproduzem, por exemplo, nos ritos de sacrifícios que tentam a reprodução do sacrifício original,



restabelecendo a ausência do tempo profano com o retorno ao momento sagrado. Examina, assim o autor, exemplos onde a memória coletiva preserva o momento mítico original. Mitos paradigmáticos indicam que o herói em combate destrói serpentes gigantes, frequentemente dotadas de três cabeças, monstros das mais variadas formas. A vitória sobre tais monstros representa a revivificação do mito heroico primordial e restauração da história, usualmente em seus primórdios. Os inimigos do faraó, no antigo Egito, eram os *filhos da ruína, lobos e cães*, identificados com o dragão Apophis, enquanto que o faraó era equiparado ao deus Ra, conquistador do dragão. Dario (558-486 a.C.), ao matar um monstro de três cabeças, revivia o herói iraniano Thraetona, regenerando a história do seu povo. Para os hebreus a extinção final do dragão ocorreria por um rei Messias. O dragão de Malpasso foi morto por Dieudonné de Gozon, terceiro Grão-Mestre dos Cavaleiros de São João, e foram conferidos a ele os atributos de São Jorge. Segundo Eliade nenhum documento da época de Gozon atesta tal combate e apenas dois séculos mais tarde, depois do nascimento do herói, foram-lhe conferidas qualidades míticas de acordo com arquétipos. O mesmo ocorre com o protagonista épico iugoslavo Marko Kraljevec, filho de uma fada, que mata um dragão de três cabeças, de acordo com o arquétipo de Indra, Thraetona e Heracles. Marko, comprovadamente falecido em 1394, teria se destacado nas guerras contra os turcos, com a ressalva que as mesmas teriam ocorrido em 1450, mais de cinquenta anos depois da morte do herói. Assim também em baladas russas, datadas do ano 1100, Dobrynya Nikitich, sobrinho do príncipe Vladimir, mata um dragão de doze cabeças. Outro herói de tais baladas, São Miguel de Potuka, mata um dragão que estava prestes a devorar uma garota trazida a ele como oferenda. De acordo com o autor, são inúmeros os exemplos colecionados através de lendas e do folclore popular. Sugiro aos leitores seu livro exemplar *O mito do eterno retorno* (1954).

Todas estas evidências coincidem com a nossa assertiva sobre a saga do Conde Drácula. Eliade (1954) nos afirma que “a memória da coletividade é a-histórica [...] é modificada depois de dois ou três séculos, e de tal maneira que pode encaixar-se na matriz da mentalidade arcaica, a qual não consegue aceitar o que é individual, preservando apenas o que é exemplar” (p. 44). Portanto podemos inferir que o herói Van Helsing, liderando a horda dos irmãos, mata o Conde Drácula, da Ordem dos Dragões, restabelecendo a ordem histórica do espaço e do tempo, reproduzindo um tempo mítico primordial.



Conclusões

“A investigação psicanalítica nos deve, todavia muitos esclarecimentos sobre o nexos do Eu e do Id” (Freud, 1930, p. 67).

Freud esteve, em muitos dos seus escritos, envolvido com o *retorno do recalcado*. É nossa hipótese que também podemos falar deste *retorno*, quando, em *Neurose e psicose* (1924), propõe que, nas psicoses, o sujeito não toma conhecimento do mundo externo, algo como uma alucinação negativa. Prossegue dizendo que “o delírio se apresenta como um remendo aplicado no lugar onde originalmente havia surgido uma fenda no relacionamento do eu com o mundo externo” (p. 97). Portanto é também nossa proposta, seguindo também as sugestões de Eliade no sentido da dificuldade dos povos primitivos de preservar a história e aceitar a temporalidade, que as formações mitológicas funcionam como este remendo delirante colocado no lugar desta fenda que representa o repúdio da temporalidade. Trata-se de um remendo mítico e, por que não, místico, sem o qual nossa existência naufragaria nesta fenda da irrepresentabilidade, testemunho da passagem do animal ao humano onde a endogamia e exogamia, o incesto e sua interdição, encontram-se em permanente suspensão. Assim o mito não deixa de ser um compromisso entre a temporalidade e a atemporalidade, onde se revela o primitivo, o sagrado em permanente diálogo com o atual e o profano.

O mesmo mecanismo descrito nas psicoses revela o pensamento de Freud (1924, p. 98) no que diz respeito às *psiconeuroses narcisistas*. Um fragmento do super-eu, o dos imperativos categóricos, seria forcluído e retornaria através da Lei vinda do exterior ou mesmo via alucinatória. Podemos observar estes aspectos em *Crime e castigo* de Dostoiévski (1866). Raskólnikov acha-se no direito de assassinar, pois

[...] os homens são divididos em ordinários e extraordinários. Os primeiros devem viver na obediência e não têm o direito de desrespeitar a lei, e é por isso que são ordinários; os segundos têm o direito de cometer todos os crimes e de violar todas as leis, justamente pelo fato de serem extraordinários (p. 204).

Ao pai Fiódor Karamázov, o *velho palhaço* (p. 61), suposto detentor de todos os direitos e desejos, somente caberia a morte, tramada e cometida pela horda dos *Irmãos Karamázov* (Dostoiévski, 1880), drama que recupera o primitivo



através do atual, romance tão do agrado de Freud. Repete-se assim o *crime primordial* no qual estes homens extraordinários não deixam de representar este *Urvater* e seu assassinato, o estabelecimento da Lei em cujo âmago repousa o Totem primitivo. Repare-se que o assassinato do Conde Drácula repete o cenário deste *eterno retorno* do recalçado onde o Caos incestuoso e consanguíneo ameaça a Criação do espaço-tempo da família humana.

O resultado objetivo de toda esta criação mítica implica, como já escrevemos, na instituição da família como núcleo primordial e estabilizador da cultura humana. O conceito psicanalítico de recalçamento nos ajuda a compreender o descrito por Levi-Strauss como *armaduras*, sem as quais as redes sociais e familiares seriam incapazes de sobrevivência:

Ao instituir a proibição universal do incesto, que implica no intercâmbio (certamente através de modalidades as mais diversas) de consortes e regulamentação das relações sexuais, a sociedade pôde nascer e perpetuar-se: com efeito, esta não poderia existir sem haver, em alguma parte, duas famílias dispostas a ceder um homem e uma mulher, de cujo matrimônio nasce uma terceira família (Zonabend 1986, p. 79). □

Abstract

Repression and phylogenesis: on Count Dracula's tale

In this paper the author, based on many Freudian hypothesis on repression, pairing such hypothesis to others originated from many sciences (Anthropology, Philosophy, Mythology), intends to examine a fragment of the repressed, originated from phylogenesis where, from the author's point of view, repetition compulsion with prevalence of the death instinct is manifested. He then correlates such suggestions with Count Dracula's tale. Would that be the recalling of the primary father and his assassination by the brothers horde?

Keywords: repression, repressed, ontogenesis, phylogenesis, primary father, brothers horde, primary crime, death instinct, Dracula.

Resumen

Recalcamiento y filogénesis: sobre la saga del Conde Drácula

En este trabajo, el autor, con base en varias hipótesis oriundas de Freud sobre el recalcamiento, conjugándolas con otras originadas de varias ciencias (antropología,



filosofia, mitología), busca examinar un fragmento de lo recalcado oriundo de la filogénesis, donde se manifiesta desde su punto de vista, una compulsión a la repetición con prevalencia de la pulsión de muerte. Relaciona, entonces, esas sugerencias a la saga del Conde Drácula. ¿Sería esta la rememoración del Padre Primordial y su asesinato por la horda de los hermanos?

Palabras llave: recalcamento, recalcado, recalque, ontogenia, filogenia, padre primordial, horda de los hermanos, crimen primordial, pulsión de muerte, Drácula.

Referências

- Bernhardt, J. (1972). O pensamento pré-socrático: de Tales aos Sofistas. In F.Chatelet, *História da filosofia*. (Vol.1) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- Carone, M. (1995). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In D. P. Schreber D., *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.
- Castoriades-Aulagnier, P. (1975). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1977.
- Chiozza L. (1975). El contenido latente del horror al incesto y su relación con el cáncer. In *Un estudio del hombre que padece*. Editorial Paidós, Buenos Aires.
- Copolla, F. F. (Director). (1993). *O Drácula de Bram Stoker*. [s.l.]: Megassom.
- _____. (1866). *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2010.
- Dostoiévski, F. (1880). *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: 34 Ltda, 2008.
- Eliade, M. (1954). *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo Ltda., 2007.
- _____. (1976). *História das crenças e ideias religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoria sexual. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.7), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1909). A propósito de un caso de neurosis obsesiva (caso del Hombre de las Ratas). In S. Freud, *Obras completas*. (vol.10), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1911). Sobre um caso de paranoia descrito autobiográficamente (caso Schreber). In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.12), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1912-13). Tótem y tabú. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.13), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1915a). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.1), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1915b). O recalque. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.1), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1915c). O inconsciente. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, (Vol. 2), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1918). De la historia de uma neurosis infantil. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.17), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1919). Lo ominoso. In S. Freud, *Obras completas*, (Vol.17), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.2), Rio de Janeiro: Imago, 2006.



Roaldo Naumann Machado

- _____. (1921). *Psicología de las masas y análisis del yo*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.18), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1923). *O eu e o id*. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.3), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1924). *Neurose e psicose*. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.3), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1925). *A negativa*. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.3), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1930). *El malestar em la cultura*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.21), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Freud, S. (1937). *Construcciones em el análisis*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.23), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1939). *Moisés y la religión monoteísta*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.23), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1950a). *Proyecto de psicología*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.1). Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- _____. (1950b). *Carta 52 a Fliess*. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol.1), Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- Hanns, L. A. *Nota ao texto de Freud. O recalque*. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.1). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. *Nota ao texto de Freud. O eu e o id*. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol.3), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Huisman, D. (1984). *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Lacan, J. (1955-56). *O seminário: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- Levi-Strauss, C. (1958). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. (1986). *Prólogo*. In A. Brugiére, C. Klapish-Zuber, M. Segalen & F. Zonabend. *História de la família*. (Vol. 1), Madrid: Alianza, 1988.
- Mann, T. (1933). *José e seus irmãos*. Rio de Janeiro: Nona Fronteira, 1983.
- Masset, C. (1986). *Prehistoria de la Família*. In A. Brugiére, C. Klapish-Zuber, M. Segalen & F. Zonabend F. *História de la família*. (Vol.1), Madrid: Alianza, 1988.
- Stoker, B. (1985). *Drácula*. Porto Alegre: L&PM.
- Zonabend, F. (1986). *De la família. Uma visão etnológica del parentesco y de la família*. In A. Brugiére, C. Klapish-Zuber, M. Segalen & F. Zonabend F. *História de la família*. (Vol.1), Madrid: Alianza, 1988.

Recebido em 11/10/2011

Aceito em 05/03/2012

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: roaldomachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA